

Intervenções leitoras na educação infantil com alunos surdos: um processo de construção a partir da literatura surda e foco nos direitos de aprendizagem da BNCC.

*Aliomar Araújo Xavier
Claudia Pimentel*

Resumo

A educação de surdos é parte do processo de escolarização de minorias linguísticas em nosso território. É intenção deste artigo demonstrar como a proposta da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) pode ser articulada aos estudos sobre estratégias didáticas apropriadas à educação de surdos. Entende-se que, para a Educação Infantil, no que tange aos direitos de aprendizagem estabelecidos pela BNCC (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se), deve-se prever objetivos cognitivos próprios às crianças surdas, tendo em vista as modalidades de aprendizagem viso-gestual-tátil (LADD; GONÇALVES, 2011), fundantes de propostas pedagógicas surdas. Para ampliar as reflexões sobre o currículo e a educação de surdos, foram consideradas as leituras dos livros: *Patinho surdo*, de Karnopp e Rosa (2011); *Cinderela surda*, de Silveira, Karnopp e Rosa (2011) e *Aritmética da Emília*, de Lobato (1995). Como resultados, percebe-se que as adaptações dos clássicos da literatura infantil para a cultura surda são necessárias, principalmente quando se considera o direito de aprendizagem de conhecer-se. Outros clássicos, como a obra de Lobato, abrem espaço para criação de estratégias didáticas que ampliem a compreensão de conceitos ligados ao campo da Matemática de forma a considerar o que está descrito de forma literária, tais como cenários e situações propostas na trama do texto como base para proposição de atividades em sala de aula, para que as crianças entrem na experiência através de recursos didáticos, tais como a teatralização, compreendendo que os campos de experiências propostos na BNCC indicam caminhos para uma didática baseada na vivência e não apenas na transmissão de conteúdos de forma teórica. Entende-se que as modalidades viso-gestual-tátil devem estar ancoradas no contexto significativo do texto literário, quando a proposta é ampliar a compreensão de conceitos a partir do acesso ao livro de

literatura infantil.

Palavras-chave: Literatura infantil; Educação de surdos; Direitos de aprendizagem; BNCC.

Abstract

Deaf education is part of the schooling process for linguistic minorities in our territory. It is the intention of this article to understand how the proposal of the National Common Curricular Base (BNCC) can be articulated to studies on didactic strategies appropriate to the education of the deaf. It is understood that, for Early Childhood Education, with regard to the learning rights established by the BNCC (living together, playing, participating, exploring, expressing and getting to know each other), cognitive objectives specific to deaf children should be foreseen, in view of the visual-gestural-tactile learning modalities (Ladd, 20110), foundations of deaf pedagogical proposals. To broaden the reflections on the curriculum and education for the deaf, the readings of the books were considered: “O Patinho surdo” - Karnopp and Rosa (2011); “Cinderela Surda” - Silveira, Karnopp and Rosa (2011) and “Emília de Lobato’s Arithmetic” (1995). As a result, it is clear that the adaptations of the classics of children’s literature for the deaf culture are necessary, especially when considering the right of learning to know oneself. Other classics, such as the work of Lobato, make room for the creation of didactic strategies that broaden the understanding of concepts, in this case linked to the field of Mathematics, in order to consider what is described in literature, such as scenarios and situations proposed in the plot of the text as a basis for proposing activities in the classroom, so that children can enter the experience through didactic resources such as role playing game, understanding that the fields of experiences proposed in the BNCC indicate ways for a didactics based on experience and not just in the transmission of contents in a theoretical way. It is understood that the visual-gestural-tactile modalities must be anchored in the significant context of the literary text, when the proposal is to broaden the understanding of concepts from access to children’s literature books.

Keywords: Children’s Literature; Deaf education; Learning rights; BNCC.



**LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK:**

<https://www.youtube.com/watch?v=v2H0mYjaKXw&list=PL1Ej31FNzZY4PhygE1jAt-67yeNWzO4D9&index=14>



Introdução

Partindo do pressuposto de que a educação de surdos é parte do processo de escolarização de minorias linguísticas de nosso território, ainda é preciso ampliar os espaços de trabalho dos professores bilíngues - que dominam a língua de sinais e a Língua Portuguesa escrita -, para que num futuro próximo, ao se pesquisar na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), descritores tais como “surdos” apontem caminhos para os profissionais da escola básica que buscam aprimorar: i) a educação de surdos nas escolas regulares; ii) a produção de materiais didáticos e de espaços que venham atender esses alunos com equidade; e sobretudo, iii) a elaboração de um currículo unificado para os ciclos de escolarização da Educação Básica que atenda a essa população de cultura, língua e identidade próprias, assim como se faz pertinente à BNCC, documento instituído pelo Ministério da Educação (MEC), em 06 de abril de 2017, que objetivou a unificação do currículo escolar, a ser ampliado nos sistemas de ensino. Quando, neste documento - na BNCC, fazemos busca com os descritores “surdos”, “educação de surdos” não aparece nenhum resultado na pesquisa, o que justifica as reflexões a seguir, que apontam caminhos para se reconhecer a importância de um documento nacional que proponha bases para um currículo incluyente. No entanto, neste artigo, procuramos trabalhar com o que está proposto na BNCC, articulando a estudos do campo da educação de surdos.

A BNCC aponta que existem mais de “(...) 250 línguas faladas (...)” (BRASIL, 2019, 70) em nosso território. Uma quantidade expressiva para um país que vive a predominância do monolinguismo diante de tamanha diversidade. É pertinente abordar a necessidade da Língua Brasileira de Sinais (Libras) ter seu lugar nas salas de aula, principalmente nas salas inclusivas ou bilíngues para surdos e também respeitar o desenvolvimento cognitivo das crianças, como garante a BNCC. Partimos do princípio de que, para o trabalho na educação básica, todos os discentes tenham “uma formação humana integral que vise à construção de uma socie-

dade justa, democrática e inclusiva” (BRASIL, 2019, p. 25). Pensando nas particularidades do sujeito surdo, é possível afirmar que a formação humana, ao que diz respeito a esses sujeitos, é democrática? Ou se faz necessário uma adequação no processo do ensinar para atender a esses sujeitos de modo equânime?

O berço escolar é a Educação Infantil, caracterizada pela BNCC em três estágios distintos: bebês (0 a 1 ano e meio); crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) e crianças pequenas (4 anos a 5 anos e 11 meses). Para esses ciclos são estabelecidos seis direitos de aprendizagem que dão garantia aos eixos estruturantes da Educação Infantil - interações e brincadeiras. Para tanto: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se são os direitos de aprendizagem e desenvolvimento dessa fase, que estão garantidos nos documentos do Ministério da Educação. Compreendendo que a criança aprende através da experiência e não pela informação, a BNCC estipulou cinco campos de experiências para o currículo da primeira etapa da escola básica: O eu, o outro e nós; Corpo, gesto e movimento; Traços, sons, cores e formas; Escuta, fala, pensamento e imaginação; e, também, Espaço, tempos, quantidades, relações e transformações.

Para concretizar os direitos de aprendizagens e os campos de experiências, o que tem sido executado na Educação Infantil com/de alunos surdos para que tenham garantia desses direitos e garantidos seus objetivos cognitivos? A partir dessas reflexões iniciais, é intenção desse artigo analisar como a literatura infantil pode contribuir para uma educação bilíngue de qualidade.

A seguir, serão apresentadas reflexões sobre intervenções com literatura infantil surda; necessidade de ambientes seguros para atender os alunos respeitando as suas infâncias; os princípios do letramento visual na educação infantil, considerando a pseudoleitura, pois a criança precisa brincar de ler; fazer jogo simbólico; “fazer de conta” que lê. Quando a criança “faz de conta” que lê, ela revela muitos conhecimentos. Também é considerada a relevância do bilinguismo no processo de aprendizagem da criança surda e do uso de objetos, dramatizações e outras estratégias didáticas que tragam o texto literário para a sala de aula de forma a contemplar as modalidades viso-gestual-tátil próprias à aprendizagem dos surdos.

Para tanto, serão analisados três livros de literatura infantil. Apresentamos a seguir algumas reflexões, dialogando com o que o texto literário sugere e o que tem sido proposto para a educação de surdos por alguns pesquisadores da área. Serão considerados aspectos da Base Nacional Curricular Comum, sempre procurando trazer proposições e estratégias didáticas que contemplem a educação

de surdos e também o que é proposto para escola básica atualmente nos documentos vigentes no país, naquilo que tange ao currículo para a primeira etapa da escola básica e os anos iniciais do Ensino Fundamental.

A leitura na Educação Infantil e o desenvolvimento linguístico da criança surda

O que a criança lê na educação infantil é diferente do que nós lemos para ela. Cada criança lê e vê as coisas de seu jeito. Sendo assim, a leitura é singular para cada uma. Quando ainda na infância, sem que a criança domine o código linguístico, não reconhece as letras, não conhece algumas palavras e conceitos, ela narra histórias, lê rótulos, lê imagens; faz uso da imaginação e explora livros e o espaço à sua volta, entendendo a cultura e produzindo cultura; como um ser social.

Para Dondis (2007), ver está relacionado com diferentes habilidades como: “perceber, compreender, contemplar, observar, descobrir, reconhecer, visualizar, examinar, ler, olhar” (DONDIS, 2007, p. 5). A autora afirma que desde o nosso primeiro contato com o mundo exterior passamos a nos organizar, experimentar, gostar, nos emocionar; tudo com base no que vemos, tocamos, e exploramos de corpo inteiro:

A primeira experiência por que passa uma criança em seu processo de aprendizagem ocorre através da consciência tátil. Além desse conhecimento “manual”, o reconhecimento inclui o olfato, a audição e o paladar, num intenso e fecundo contato com o meio ambiente. (...) - a capacidade de ver, reconhecer e compreender, em termos visuais, as forças ambientes e emocionais. (DONDIS, 2007, p.5-6)

Os sentidos possibilitam perceber o mundo e nos empoderam frente aos elementos naturais e culturais que compõem o universo e tudo que nele existe. Dos sentidos, a consciência tátil, apresentada por Dondis, faz parte dos recursos para a exploração de um cenário percebido através do trio sensorial viso-gestual-tátil definido por Ladd e Gonçalves (2011) como modalidade VGT de aprendizagem. Para os autores, não basta somente assegurar à criança o acesso à escola, pois é preciso fazê-la entender que o ambiente escolar é feito para ela e pensando nela. É importante que a criança perceba a escola como local que satisfaz necessidades de cultura e de identidade; um ambiente que compreende o sujeito linguisticamente e que a criança possa trafegar entre os dois mundos: o seu e o mundo da cultura ouvintista, com orientações afetivas, morais e intelectuais (Ladd; Gonçalves, 2011).

Nas salas de aula de Educação Infantil, é notório como os professores e os gestores orientam a organização das turmas, as mesas, as mochilas, as estantes de livros, os tipos de livros acessíveis a essa faixa etária. O colorido das cadeiras, das mesas, dos parquinhos, dos brinquedos são elementos de relevância nesses espaços. A criança faz leituras de todas essas informações. Espera-se que na escola, em casa e nos ambientes contíguos aos muros das escolas as crianças tenham esse contato com o universo literário, entendido como muito rico em informações e que atende aos olhares curiosos desses leitores, com idade própria a esse ciclo de formação. Além de garantir um ambiente acolhedor, são necessárias estratégias didáticas que oportunizem a compreensão de conceitos. O texto literário é propício para criar um contexto de significação, mas é preciso considerar estratégias didáticas que favoreçam a aprendizagem através das modalidades VGT.

A pseudoleitura muitas vezes se manifesta como reconto das histórias baseado em gravuras, sequências de imagens que aparecem nas ilustrações de cada página dos livros de histórias. É um conto e reconto de histórias que pode acontecer sem sequer a criança ter ouvido o enredo da narrativa ou tentando recriar o que foi ouvido através da leitura feita por leitores fluentes (como familiares e professores). Com alunos surdos da Educação Infantil a proposta pode ser igual: brincar de ler por meio da criação de histórias narradas com apoio de imagens e ilustrações dos livros. De forma lúdica, compartilhar o objeto (o livro), usando a língua identitária da criança, a língua de sinais (TAVEIRA; PIMENTEL; ROSADO, 2022, p. 65), quando a história é narrada, evidenciando ambas as línguas: de sinais e a escrita. Com apoio nas imagens, as crianças recontam as histórias do seu jeito, tendo o livro como apoio da memória, iniciando assim a formação inicial de uma identidade leitora e o desenvolvimento da capacidade de narrar tendo o livro como objeto meio. Mas nem só as ilustrações apoiam as pseudoleituras ou recontos das crianças. Outras estratégias se fazem necessárias muitas vezes.

A apresentação de histórias literárias na Educação Infantil, em turmas de surdos ou com surdos, deve ser cuidada como forma de garantir que as crianças se identifiquem com a arte de narrar. Para tanto, é importante considerar que a criança surda tem estágios de desenvolvimento da aquisição da língua de sinais (KARNOPP; QUADROS, 2001), principalmente quando temos crianças surdas filhas de pais ouvintes ou crianças surdas filhas de pais surdos. O nível de desempenho em relação à língua de sinais tende a mudar de acordo com a interação e o contato que a criança terá com a língua. Para Karnopp e Quadros (2001) a criança surda que tem contato com a língua de sinais desde o nascimento, passa pelos seguintes estágios de desenvolvimento da linguagem: i) período

pré-linguístico; ii) estágio de um sinal iii) estágio das primeiras combinações e iv) estágio de múltiplas combinações.

Ao longo do primeiro estágio “do nascimento ao início dos primeiros sinais” Karnopp e Quadros (2001, p. 3) afirmam, a partir de estudos de Petitto e Marantette (1991), que “o balbucio é um fenômeno que ocorre em todos os bebês, surdos e ouvintes” no mesmo estágio de idade (do nascimento ao 14º mês de idade). Karnopp e Quadros (2001) apontam que os bebês surdos apresentam duas formas de balbucio manual - o silábico e a gesticulação. “Em linhas gerais, pela produção do que é denominado balbucio manual, pelos gestos sociais (bater palmas, dar ‘tchau’ e enviar beijinhos, tentar repetir sinais etc...) e pela utilização do apontar” (KARNOPP ; QUADROS, 2001, p. 3).

No segundo estágio, que se desenvolve desde o 12º mês de idade até 2 anos, segundo Karnopp e Quadros (2001), a criança surda passa do apontar para realizar seus gestos como pertencentes ao sistema formal da sua língua de sinais. No terceiro estágio, segundo as autoras afirmam, se iniciam os primeiros sinais com erros pronominais e são observadas as primeiras combinações de dois a três sinais, omitindo-se o sujeito na fala.

No quarto estágio, estágio de múltiplas combinações, de dois a três anos de idade, acontece uma explosão no vocabulário. A partir desse estágio a criança desenvolve-se dentro de um sistema linguístico (KARNOPP; QUADROS, 2001).

Dessa forma, além da língua de sinais, os gestos e a presença de objetos se tornam fundamentais para o desenvolvimento linguístico, o que deve ser considerado em propostas didáticas mesmo após esses primeiros estágios de desenvolvimento linguístico da criança surda. Na escola, a cada novo conceito a ser compreendido pelas crianças, é importante garantir estratégias didáticas que respeitem essas formas de comunicação fundamentais, tais como apontar na presença do objeto, tocá-lo, utilizá-lo como forma de expressão, até que o conceito seja compreendido e possa ser expresso através da língua de sinais. Todo esse processo deve ser alicerçado pelas raízes de sua cultura. As propostas pedagógicas para a Educação Infantil devem garantir os mesmos direitos cognitivos para crianças surdas e ouvintes, em especial o direito de conhecer-se, guardadas suas especificidades linguísticas e de formas de acesso à cultura, sendo umas mais gesto-visuais-táteis e outras mais auditivas.

Karnopp (2006) enfatiza que literatura surda é todo conjunto literário produzido em prol da língua de sinais, feitos por surdos e/ou pensando na comunidade surda, tendo como objetivo disseminar no meio da comunidade surda os saberes, personagens e os traços dessa cultura.

O contato de uma pessoa surda com livros que descrevem a sua realidade,

ou que apresentam personagens com os quais possam se identificar, dá a possibilidade de conhecer o seu mundo e a a pluricultura do espaço em que esse sujeito está imerso, considerando não só a cultura ouvinte, a Língua Portuguesa escrita e a língua de sinais, mas as diferentes formas de ser e de estar no mundo próprias às diversas minorias e até mesmo ao que é considerado hegemônico a cada época. O direito de aprendizagem de conhecer-se ganha destaque, quando se aproximam os estudos surdos das propostas da BNCC. Algumas questões sobre como fazer e quais estratégias didáticas podem ser utilizadas parecem ser relevantes, quando se sustenta um currículo baseado nos princípios da BNCC.

No que refere aos direitos de aprendizagem de participar, explorar, expressar e conhecer-se, o ideal seria que as crianças, surdas e ouvintes, participassem ativamente das atividades de contações de histórias. O propósito é trazer a criança para o universo enquanto leitora, possibilitando-lhe o direito, se possível, de escolher a literatura, o que merece um olhar atento ao acervo disponível; ter acesso às línguas com a mediação do adulto experiente; as histórias sendo relidas para atender ao nível de compreensão de cada aluno; socializar as impressões sobre a leitura; chamar atenção das crianças por gestos simples e visuais; o contato visual e seguro; o ambiente rico em detalhes e características da história a ser narrada, muitas vezes expressos em objetos, miniaturas, bonecos e elementos da natureza que possam ajudar as crianças a compreender as narrativas. Sendo assim, o professor mediador precisa apoiar as crianças e torná-las autoras de suas histórias, lembrando que a BNCC preconiza a importância de:

(...) explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL, 2019, p. 38)

Ao que compete o direito de conhecer-se, a literatura, atende de uma forma muito singular as identidades surdas e ouvintes. No entanto, é importante basear-se em critérios ao procurar formar um acervo de livros na escola. Para Mourão (2011):

(...) a Literatura Surda é composta de histórias que circulam na comunidade surda, através da língua de sinais, tendo como foco a valorização e o uso de Língua de Sinais, o empoderamento dos surdos e a descoberta

da identidade surda, etc. No entanto, há livros que tematizam a língua de sinais e os surdos a partir de uma representação normalizadora, ouvintista. (MOURÃO, 2011, p. 57)

Mourão (2011) nos ajuda a refletir sobre o direito das crianças surdas se conhecerem melhor, quando a literatura apresentada e trabalhada na Educação Infantil é embasada na identidade desses sujeitos. Espera-se que os livros selecionados colaborem para a construção de uma imagem positiva de si e de seu grupo de pertencimento. No trabalho com os livros é importante considerar a apresentação da obra, o processo de pseudoleitura, o conto e o reconto das histórias e os recursos como cenários e objetos, para contextualizar conceitos. As apresentações feitas pelos mediadores (professores) também precisam oferecer às crianças gestos de leitura como o abrir e o fechar dos livros, o virar das páginas, a consideração com as ilustrações, olhares, gestos e sinais, de forma a manter presentes tanto o texto escrito como a língua de sinais, além de recursos GVT, sempre que for necessário para ampliar a compreensão de conceitos por parte das crianças.

Algumas propostas com literatura surda

A riqueza de detalhes nas literaturas surdas faz toda a diferença. Muitos clássicos foram adaptados e sofreram alterações nas características dos personagens, no clímax dos contos, no cenário onde a narrativa é apresentada. Em outros livros, encontramos a autoria surda, ou apresentam elementos que fazem menção a características da comunidade surda. Por isso, em análises de livros de literatura surda é possível viajar nesse universo e perceber quão importante se faz a minuciosidade dos detalhes e quão rica fica a literatura quando exposta ao sujeito, para que ele se sinta pertencente àquela narrativa; como aponta Stock (2010):

[...] alguns livros clássicos infantis foram adaptados para a Libras – Língua brasileira de Sinais, com roteiros, histórias e personagens surdas com a sua cultura. Usando o recurso como o desenho do sinal com objetivo de ampliar o vocabulário da criança surda, fazendo com que ela construa a sua identidade e sua subjetividade como sujeito surdo. (STOCK, 2010, p. 2)

A partir dessas reflexões iniciais, foram analisados três livros, procurando perceber suas contribuições para a educação de surdos de forma a garantir seus direitos de aprendizagem, conforme proposto na BNCC.

O primeiro livro – Patinho surdo (2011) – é uma versão adaptada da narra-

tiva clássica *O Patinho Feio*, de autoria de Hans Christian Andersen. A adaptação, ou releitura, foi realizada pelos autores Lodenir Karnopp e Fabiano Rosa (2011), ilustrada por Maristela Alano e publicada pela editora ULBRA. Foi considerada a segunda edição, do ano de 2011, tendo sido sua primeira versão lançada em 2005 por meio da Universidade Luterana do Brasil em Canoas/RS.

O Patinho Feio é um clássico da literatura infantil. Um texto que pode ser caracterizado pelo preconceito e menosprezo dos irmãos em relação a um dos patinhos (que não é patinho). A releitura que os autores propuseram ao livro clássico o deu origem a *O patinho surdo*, que coloca esse personagem surdo no mesmo lugar do patinho feio, em um ambiente de exclusão e opressão.

É possível perceber e analisar que em ambientes escolares com um ou dois alunos surdos, a situação é a mesma. O aluno se percebe excluído, tenta se encontrar. Quando tem contato com a sua comunidade, encontra a sua cultura, seu desenvolvimento é significativo. Por essa razão, vale refletir: se naquele lago não estivessem aquelas outras aves se comunicando por língua de sinais, como o livro apresenta, o que aconteceria com o patinho surdo? Se essa história fosse reescrita mais uma vez, seria possível a família do patinho surdo perceber sua singularidade como membro da família aquietando-o com caminhos e soluções? Como a escola pode intervir nessas situações?

A segunda literatura – *Cinderela surda* – é uma releitura do conto de fadas *Cinderela*. A adaptação foi elaborada por Caroline Hessel Silveira, Lodenir Becker Karnopp e Fabiano Souto Rosa (2011). As ilustrações são de Caroline Hessel Silveira e Marianne Stumpf, que revisaram a escrita de sinais (SignWriting). Esse conto de fadas já está na terceira edição. A primeira versão dessa adaptação foi publicada em 2003, a segunda em 2007, a terceira, que será aqui considerada, é de 2011, com uma segunda impressão em 2015, na cidade de Canoas/RS. A Universidade Luterana do Brasil possui direitos reservados para esta edição.

Esta é uma obra de caráter narrativo curto e apresenta um conto de fadas. Na apresentação da obra os autores relatam a importância dessa escrita, enfatizando que não foram eles os primeiros a usar essa versão, pois outros já haviam feito releituras dessa obra para a literatura surda, sendo um texto bastante conhecido na comunidade surda, com o objetivo de recontar essa história a partir da perspectiva da cultura surda. Relatam os autores (HESSEL; KARNOPP; ROSA, 2007) que por meio da experiência visual produziram essa obra. O conto apresenta uma jovem surda que convive com a madrasta e as irmãs que pouco sabem língua de sinais, e é surpreendida quando encontra um príncipe surdo. A litera-

tura apresenta um modelo de cidadão muito presente no dia a dia: uma pessoa surda, filha de pais ouvintes e a família toda de ouvintes que sabem pouco sobre língua de sinais.

Como elementos textuais, é possível perceber que os autores usaram a escrita da língua de sinais SignWriting, evidenciando que além dos sinais fazerem parte da língua dos surdos, existe uma escrita própria. É portanto um artefato cultural para o sujeito surdo. A luva que é perdida, no lugar do sapatinho de cristal da versão tradicional do conto da Cinderela, expressa uma coerência muito relevante entre a língua de sinais e o objeto usado para identificar Cinderela. O livro apresenta uma gama de imagens, relatando as cenas de cada ação, dessa forma possibilitando um entendimento visual significativo para a criança surda. Por fim, a obra Cinderela Surda apresenta a Língua Portuguesa escrita, como língua de instrução. Com isso, o livro merece ser contemplado em sala de aula com crianças surdas por trazer: o tema da língua de sinais, a língua de instrução escrita, a escrita da língua de sinais, um cenário criado por ilustrações, a cultura surda sendo fortemente evidenciada.

Sobre a personagem: a trajetória da personagem principal é um marco na vida de qualquer criança surda. O universo é unilateral, somente seu, a solidão da personagem surda até que exista o encontro entre as identidades. A partir desse encontro, de agentes culturais que se socializam com os mesmos valores socioculturais, existe um engajamento mútuo entre os pares. Por suas características, é um livro que merece ser apresentado para as crianças surdas.

A terceira narrativa, Aritmética da Emília (1995), não faz parte da literatura surda. Para Mourão (2011), a literatura surda tem três características básicas: ter sido traduzida de um código linguístico para a Libras; ter passado por um processo de adaptação – ser fruto de uma obra já existente e ter sido adaptada com algum elemento da cultura surda na reconstrução da obra, e a obra pode ser produzida, criada por um indivíduo surdo. Sendo assim

A literatura surda traz histórias de comunidades surdas, os processos sociais e as práticas discursivas relacionadas que circulam em diferentes lugares e em diferentes campos. O envolvimento que as comunidades surdas compartilham, não é somente interno à comunidade, mas também externo, com comunidades ouvintes, através da participação tanto de sujeito ouvintes quanto de sujeitos surdos. (MOURÃO, 2011, p. 50)

O livro Aritmético da Emília (1995) não faz parte dos eixos que ali-

cerçam a literatura surda como caracteriza Mourão, contudo, Monteiro Lobato, escritor de extrema minuciosidade nos detalhes na descrição de cenário e de personagens de suas narrativas, apresenta um conteúdo necessário para a educação de surdos nesse livro: os números e as diversas operações basilares da Aritmética. Ele traz a Matemática e apresenta o universo numérico, de forma lúdica e acessível. A forma de narrar de Monteiro Lobato sugere teatralizações, o que para a educação de surdos é uma estratégia didática interessante, que pode ser usada na Educação Infantil. A temática do livro não se restringe a essa etapa da escolarização, e se expande ao ensino de crianças surdas e ouvintes também nos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental.

O livro é dividido em 19 capítulos pequenos: I. A ideia do Visconde; II. Os Artistas da Aritmética; III. Mais Artistas da Aritmética; IV. Manobra dos Números; V. Acrobacias dos Artistas Arábicos; VI. A primeira reinação; VII. A segunda reinação; VIII. A terceira reinação; IX. Quindim e Emília; X. A reinação da igualdade; XI. As Frações; XII. Mínimo Múltiplo; XIII. Somar frações; XIV. Subtrair Frações; XV. Multiplicar Frações; XVI. Dividir Frações; XVII. Os decimais; XVIII. As Medidas e XIX. Números Complexos.

Dos dezenove capítulos, o primeiro e o segundo, pensando na imersão do aluno surdo da Educação Infantil, apresentam conteúdo da matemática que sugerem uma transposição didática com criação de objetos, cenários e interações, que contemplam as modalidades de ensino aprendizagem viso-gestual-tátil (VGT), como diversos autores sugerem como ideal para a educação de surdos.

O livro começa a ser narrado a partir de uma ideia do Visconde, pela necessidade do grande grupo da turma do Sítio (os personagens Dona Benta, Narizinho, Pedrinho, Tia Anastácia, Quindim etc) fazerem uma viagem diferente de todas as viagens que eles haviam feito. Uma viagem diferente da que a Dona Benta havia proposto ao País da Gramática. Desta vez, eles fariam uma viagem ao país dos números: “A Terra da Matemática - dizia Visconde, ainda é mais bonita que a Terra da Gramática, e eu descobri uma Aritmética que ensina todos os caminhos. É lá o país dos Números”. (LOBATO, 1995, p. 8).

Lobato descreve a reação entusiasmada dos personagens e como essa viagem seria feita: “Em vez de irmos passear no País da Matemática, é o País da Matemática que vem passear em nós” (LOBATO, 1995, p. 8). Os personagens em euforia se questionam como isso vai acontecer. O Visconde, sabiamente, responde que “(...) Da maneira mais simples. Vou organizar um circo (...)” (LO-

BATO, 1995, p. 8). Um espaço como um circo atrai a atenção de toda criança, pelo universo colorido e com tantos personagens que passeiam e trafegam nesse imaginário. Neste cenário apresentado por Lobato, os artistas desse circo são os protagonistas da aritmética: os números.

Atenção! Os artistas do País da Matemática vão entrar no picadeiro. Um, dois e ... três! - rematou ele (Visconde), estalando no ar o chicotinho. Imediatamente o cobertor que servia de cortina abriu-se e um grupo de artistas da Aritmética penetrou no recinto. São os Algarismos! - berrou Emília, batendo palmas e já de pé no seu tijolo, ao ver entrar na frente o 1, e atrás dêle o 2, o 3, o 4, o 5, o 6, o 7, o 8 e o 9! Bravos! Bravos! Viva a Macacada numérica! (LOBATO, 1995, p. 9)

Ao adentrar na Aritmética da Emília (1995), é perceptível como faz sentido a ideia de construir estratégias didáticas tangíveis ao sujeito surdo. Stock (2010) diz que clássicos da literatura foram adaptados para Libras. Imaginemos a narrativa de Lobato traduzida para a língua de sinais, convidando as crianças da Educação Infantil a conhecerem esse mundo da Matemática, como bem define o personagem Visconde, através da criação de um circo em sala de aula. A criança, nesse momento da infância, tem oportunidade de entrar em contato com informações através do contato físico, tátil e gestual na dramatização do circo vivo, e com “personagens matemáticos” com os quais a criança pode ter contato direto com cada elemento envolvido na teatralização dos conceitos em questão.

É preciso frisar que o que compete ao aluno de Educação Infantil sobre a linguagem matemática é conhecer os algarismos de forma lúdica garantindo seus direitos de aprendizagem como estabelece a BNCC. No entanto, a construção da narrativa de Lobato e sua inventividade, além das interações entre os personagens, geram imagens e soluções descritas de tal forma que apoiam os professores a se aventurarem na reconstrução de cenários e teatralizações para uso na sala de aula, de forma que a criança compreenda os conceitos através de materiais concretos lúdicos, situações inventivas e, ao mesmo tempo, reconheçam que essas estratégias se baseiam na leitura do livro.

A leitura de Lobato à luz das reflexões sobre adaptações de livros à cultura surda e sobre as questões próprias das pedagogias surdas, que destacam as modalidades de interação e conhecimento viso-gesto-tátil, revela um texto literário rico em descrições visuais de cenas que sugerem ao professor a construção de recursos bi e tridimensionais para auxiliar a compreensão das crianças e jovens

tanto da narrativa literária como, no caso do livro *Aritmética* de Emília (1995), conceitos matemáticos. Seria importante, portanto, construir o cenário descrito na narrativa em sala de aula ou no pátio da escola e configurar o ambiente escolar para que as crianças surdas ou ouvintes embarquem nessa visita ao país da matemática no “sítio-escola”. A literatura na sala de aula requer um professor atento às sugestões textuais para trazer para seus alunos objetos reais, brinquedos, maquetes e estratégias que extrapolem o texto verbal para que a leitura seja uma ponte para conhecer o mundo e através dele permitir que o leitor se conheça melhor e compreenda melhor conceitos e narrativas presentes nos livros.

Como afirma Mourão (2011), no processo de tradução e adaptação do texto literário escrito em Língua Portuguesa para Libras há um envolvimento cultural de comunidades. Sendo assim, como tantas outras literaturas que sofreram adaptações, seria importante contemplar também a temática da Matemática de forma lúdica como sugere a obra de Monteiro Lobato, sendo adaptada para uma Literatura Surda. São muitos os detalhes que o livro *Aritmética* de Emília (1995) apresenta do universo dos números, e merece ser visto, contado, recontado e adaptado, não somente na Educação Infantil, mas em todo o ciclo de formação da Educação Básica. Outrossim, Monteiro Lobato é um clássico da literatura infantil nacional. É necessário considerar as pesquisas atuais da Matemática, mas o contexto lúdico em que são apresentados os conceitos matemáticos na obra de Lobato serve como exemplo para criações e adaptações para a sala de aula. A escolha desse livro deve-se ao fato de contemplar conceitos na área da Matemática, o que raramente é percebido na literatura.

Considerações finais

A partir de reflexões sobre a Literatura Surda no contexto da Educação Infantil com alunos surdos em vista dos direitos de aprendizagem estabelecidos pela BNCC, podemos relacionar tais direitos com o processo de garantir à criança surda o acesso à Literatura. É preciso que respeitemos as possibilidades de cada criança e apresentemos literaturas de forma que tenham acesso à: i) língua de sinais, ii) personagens e contextos relacionados à surdez, iii) criação de autores surdos que de fato sejam pertinentes ao ciclo de formação e conhecimento ao serem selecionados para a leitura na escola, iv) adaptações a materiais, objetos e outros elementos que o professor selecione de forma criteriosa com o objetivo de favorecer que as crianças compreendam diferentes conceitos presentes no texto literário, sejam eles matemáticos ou outros, sem perder de vista os elementos trazidos pelo texto literário, sejam conceitos, personagens, encenações e demais

elementos da composição textual.

Entende-se que a literatura surda possibilita às crianças pequenas a reflexão sobre quem são e a perceberem que, em meio às diferenças, existem lugares de encontro com seus pares e que podem construir sua identidade com os personagens, tais como o Patinho Feio e a Cinderela Surda, mas também como conhecimentos de outras áreas do conhecimento, como a Matemática. É importante, contudo, criar estratégias didáticas que promovem a experiência da criança de corpo inteiro, através de dramatizações, jogos simbólicos, brincadeiras, de forma que a educação de surdos contemple emoções e a possibilidade de construir conhecimentos através das modalidades sensoriais viso-gestual-tátil (VGT), como apresentado nas pesquisas de Paddy Ladd e Janie Gonçalves (2011).

Referências

- ALVES, A; FERRAREZI, Ludmila; ROMÃO, L M S. Leitura de Barraco: a semente da leitura, o discurso e os movimentos do sujeito. *ALED* 7 (2), 2007. pp. 5-20.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2019.
- DONDIS, D. A. Sintaxe da linguagem visual. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- KARNOPP, Lodenir; QUADROS, Ronice Muller de. Educação infantil para surdos. In: ROMAN, Eurilda Dias; STEYER, Vivian Edite. (Org.). A criança de 0 a 6 anos e a educação infantil: um retrato multifacetado. Canoas, 2001, p. 214-230. Disponível em: <https://www.cultura-sorda.org/wp-content/uploads/2015/03/Karnopp_Muller_EducaC3A7ao_infantil_surdos_cero_seis_anos_2001.pdf>. Acesso em: Jul de 2022.
- KARNOPP, Lodenir; ROSA, Fabiano. Patinho surdo. 2ª.ed. Canoas: ed. ULBRA, 2011.
- KARNOPP, L. B. (2006). Literatura Surda. *ETD - Educação Temática Digital*, 7(2), 98-109. Disponível em: <<https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0168-ssoar-101624>>. Acesso em: Jul de 2022.
- LOBATO, Monteiro. Aritmética da Emília. 29ª ed. 8ª reimpressão. São Paulo: ed. Brasiliense, 1995.
- LADD, Paddy; GONÇALES, Janie Cristine do Amaral. Culturas surdas e o desenvolvimento de pedagogias surdas. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs). *Cultura Surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Canoas: Ed ULBRA, 2011.
- MARQUES, H de C R, BARROCO, S M S; SILVA, T dos S. O Ensino da Língua Brasileira de Sinais na Educação Infantil para Crianças Ouvintes e Surdas: Considerações com Base na Psicologia Histórico-Cultural. *Rev. Bras. Ed. Esp., Marília*, v. 19, n. 4, p. 503-518, Out.-Dez., 2013.
- MARTINS, V R de O; ALBRES, N de A; SOUSA, W P de A. Contribuições da Educação Infantil e do brincar na aquisição de linguagem por crianças surdas. *Pro-Posições* | v. 26, n. 3 (78) | p. 103-124 | set./dez. 2015.
- MOURÃO, Cláudio Henrique Nunes. *Literatura Surda: produções culturais de surdos em Língua de sinais*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, 2011.
- PETITTO, L. A. and MARENTETTE, P. F. Babbling in the manual mode: Evidence for the ontogeny of language. *Science* 251, p. 1493-6, 1991.

SILVEIRA, C H; KARNOPP, L B; ROSA, F S. Cinderela Surda. 3 ed. Canoas: ed. ULBRA, 2011.

STOCK, I. M. – A Importância da Literatura Surda no Desenvolvimento Educacional da Criança Surda. Revista Eficaz – Revista científica online z ISSN 2178-0552, 2010.

TAVEIRA, Cristiane. C.; PIMENTEL, Cláudia.; ROSADO, Luiz A. da S. Conto e reconto de histórias para crianças surdas: mapeando estratégias, técnicas e objetivos. Revista educação e Cultura Contemporânea. v. 19, n. 57, p. 62-86, 2022.